

Assim, tudo começou! Maíra e os *Tenetehara*

Nós *Tembé Tenetehara* surgimos de Maíra, mas poucas pessoas conhecem a história de Maíra. Ele era uma pessoa, um pajé poderoso que transformava as coisas. Maíra foi casado, mas se separou após ficar muito doente. Foi assim que de uma árvore se transformou em mulher. Depois disso surgiram os *Tenetehara*.

Naquele tempo, os *Tenetehara* cuidavam da roça, mas não existia mandioca. Tudo era só canapum (*Physalis angulata L.*), então os parentes cuidavam do canapunzal. Canapum é um tipo de mato que cresce até o tamanho de uma pequena árvore. Até hoje, existe nas nossas roças, ele dá um fruto comestível e gostoso, no qual há uma semente. Os *Tenetehara* gostavam muito daquilo, por isso que aqui no nosso Pará existe muito canapum.

Como não havia mandioca (*Manihot esculenta Crantz*), não havia farinha. Maíra, então, estava doente e uma pessoa sempre levava um tipo de farinha para ele. Essa pessoa nunca aparecia, ninguém a via. Toda vez que a sua mulher chegava da roça, tinha um bocado de farinha debaixo da rede dele. A mulher ficou curiosa com o fato e decidiu esperar para ver quem trazia aquela farinha. Junto com outras parentes, ficou escondida e foi então que encontraram a pessoa que trazia a farinha para o Maíra. Os *Tenetehara* achavam que era Tupã que fazia isso por conta da saúde de Maíra. Quando os parentes viram aquele homem, ficaram assustados com sua feição. Mas então ele disse: — Não, não tenham medo, minhas irmãs. Vocês estão fazendo o que? Elas responderam: — Não, nós estamos capinando nosso canapum. Então o homem respondeu: — Não! Diga assim: nós estamos capinando nossa roça. Foi então que as parentes voltaram e viram a roça. O homem se voltou para elas e disse: — Eu vou trazer a maniva para vocês plantarem. Ele trouxe a maniva e disse para as mulheres plantarem, era a mandiocaba (rama da mandioca). Depois o homem disse: — Agora



eu vou trazer o milho. Ele então mandou buscar um balaio passou milho e, também, feijão e disse: — Isso aqui é pra alimentação de vocês.

Na casa de Maíra, o homem falou ao pajé sobre a mandiocaba: — Aquela ali tu podes plantar hoje e amanhã podes mandar arrancar. Maíra então mandou a mulher plantar e no outro dia disse: — Mulher, vá à roça Maíra para arrancar a mandiocaba, para fazer mingau para nós. A mulher respondeu: — Mas ainda não está bom. Eu plantei ontem! — Vai que eu tô mandando, insistiu Maíra. — Eu não vou, não! Retrucou a mulher.

Maíra e a mulher tiveram uma discussão, o que o deixou zangado com a falta de atenção ao seu pedido. Maíra saiu e a mulher ficou sozinha. Somente após 15 dias ela foi até o roçado. Quando chegou lá se deparou com um monte de mandioca tufada, com os troncos apodrecidos. Sabendo disso, Maíra disse: — Agora vocês terão que esperar por um ano para poder comer! É por isso que nós esperamos por um ano para poder comer a farinha. Foi então que Maíra sumiu e a mulher ficou grávida. Ainda no seu ventre seu filho, de nome Maíraira, falou aos oito meses: — Mamãe, cadê papai? — Seu pai foi embora. — Mas não pode! Disse o bebê da barriga de sua mãe. — Teu pai foi embora, respondeu a mãe. — Então vamos atrás dele. — Mas com é que vai? — Eu sei pra onde ele foi. Vamos seguir atrás dele? — Não, eu não vou — disse a Mãe ao seu filho em seu ventre. Maíraira insistiu muito, até convencer sua mãe. Os dois andavam pela floresta e em todo o canto que passavam Maíraira pedia para a mãe pegar uma flor: — Mamãe, tem uma flor ali! A mulher apanhava a flor e ia com o braço cheio delas. Mais a frente havia uma cachopa de marimbondos que atacaram a mulher. Enraivecida, a mãe esculhambou Maíraira e perguntou: — Para aonde é que o teu pai vai? Maíraira, então, não falou mais. Calou-se, deixando sua mãe mais tranquila. Porém, a mulher percebeu que estava perdida na mata. Não havia caminho, não havia direção para onde ir. Ficou rodando até que varou na casa da **Mucura**, que morava sozinha, como todas as mucuras. — Aonde é que tu vás? Indagou a Mucura. — Rapaz, eu vou pra cá. — Ah, não vai agora, não. Vai amanhã, porque faz muita chuva. Foi então que a mucura fez aparecer uma chuva, mas a casa dele era só de palha e toda furada. A mulher se viu apherreada para dormir. Para todo canto que ia tinha gotejamento. No dia seguinte a mãe saiu perdida pela mata. Foi quando se deparou com a casa da onça. — Para onde é que tu vás? — Perguntou a Onça à mulher perdida.



MUCURA (*Didelphis marsupialis* L.) é o nome dado ao gambá na Amazônia. É um mamífero marsupial (possui bolsa). “Come de um tudo” pois é onívoro, gosta de atacar os galinheiros, é o terror das criações, que confinadas não conseguem se livrar do predador. É também conhecido como: sariguê, saruê ou sarigueia e tantos outros nomes depende da região.

— Estamos por aí a procura do fulano. Disse a mulher. — Não, o fulano acabou-se. Fica aqui e espera fulano chegar. O fulano era o filho dela, que ‘tava caçando, aí do caminho ele gritou, disse, Maíraira: quem é que ‘ta aí dentro de casa? Velha: olha não é ninguém não, calma!

Sei que nessas alturas quando chegou, o Maíra foi, transformou a mãe dele numa veada (*Mazama spp.*), dentro do bucho da mãe dele ele transformou ela numa veada aí saiu, aí botaram o cachorro atrás, pega daqui, cerca de acolá e vai pra cá vai pra acolá, aí ele foi transformou ela num cupim (*Cryptotermes brevis*), virou um cupim, a onça (*Panthera onca*) foi, trouxeram ela mesmo como um cupim, aí ela foi não teve jeito mesmo, aí transformou em outro bicho, em outra caça, aí mataram, quando mataram ficou os dois bichinhos, a velha, aí foram pega a caça, que transformou em caça, aí as netas disseram: — Vovó, tem um casal de bichinho aqui no bucho e ‘tá vivo! A onça respondeu: — Traz aqui pra mim que eu quero comer assado com molho de pimenta.

Dai trouxeram pra lá. A onça disse: — Bota aí que vô fazer um fogo, faz um fogo que eu quero comer eles assados com molho de pimenta, eu vô botar aqui dentro de uma panela, que é pra escaldar. Daí colocaram dentro de um saco, enfiaram dentro da panela, e colocaram em cima do fogo. Daí quando colocou dentro puf, puf... o fogo apagou, aí pronto a minha paneja tinha virado uma panela de barro.

As netas aflitas perguntaram a avó: — E agora? A onça respondeu: — Bota dentro do Pilão, pila ele dentro do pilão, mata ele, bate na cabeça dele com um pedaço de pau. Daí virou um bate, bate, acabou batendo a mão. A onça disse: — Ah! Bati minha mão. Mas continuou falando: — Bota dentro do pilão, joga dentro do fogo. Aí quando foi jogar no fogo botou foi a mão no fogo, queimou a mão todinha. Aí a onça se zangou: — Deixa aí, deixa morrer pra lá, daí botou lá no canto, mas quando foram olhar no outro dia, o neto falou: — Vovó, tem dois quati (*Nasua nasua*, Linnaeus 1766), a onça respondeu: — Pois deixe meus quatis aí. Quando foi no outro dia. — Vovó tem dois papagaios (*Amazona aestiva*).

E nessa arrumação quando passou alguns dias que foram espiar tinha duas meninas. Lá gritou o neto: — Vovó tem duas crianças aqui. A onça respondeu: — Traga meus bichinhos pra cá, vou criar. Aí a velha começou a criar os meninos, aí quando ficaram grandinhos e, já saíram pra caçar, a onça aconselhou: — Olha! Não vão muito





longe pra caçar que aí pra frente tem visagem. Prepararam uma flecha e daí foram flechando tudo. Uma vez mais a onça chamou atenção: — Olha não vão flechando muito, se não aparece bicho que fala. As crianças ficaram pensando: por que que vó sempre diz isso pra gente? Vamos mais longe. Daí os meninos foram cada vez mais longe, estavam mais fortes, com 10 a 12 anos. Encontraram o jacu no caminho, o jacuzão (o pai) avoou e disse: — Vocês tão morando com a pessoa que matou a mãe de vocês. As crianças assustadas disseram: — Como é a conversa? Daí foram mais lá atrás e pensaram: Ah rapaz! Foi a velha que comeu a mãe da gente, não se preocupe... vamos, e Maíraire falou: — Vamos vingar a morte da mãe, da nossa mãe. E Mucuraire: — Como é que nós vamos fazer? Maíraire: — Não se preocupe. Quando chegaram em casa com os olhos inchados, a velha onça disse: — O que é que vocês fizeram que choraram muito? É, responderam os netos: — Foi marimbondo (*Hymenoptera, Vespidae, Polistinae*), vovó. Mas marimbondo o que? Aqui não tem marimbondo. Maíraire disse ao irmão: — Vai busca um bolão de barro e joga nela. Assim, ele pegou um bolão de barro e jogou, ele se transformou em marimbondo, daí ferrou ela todinha.

— E agora? Disse Mucuraire, ao que Maíraira: — Agora nós vamos caçar longe. Foram indo, indo, acharam um rio, e pra atrair as onças fizeram um bocado de abanos, jogaram dentro do rio e os abanos se transformaram em piranha (*Serrasalmus spilopleura Kner, 1858*), em cima do rio fizeram uma ponte, colocaram um pau grande. E, foram chamar todas as onças pra vir busca fruta, levaram uma amostra, as onças ficaram todas animadas e disseram: — Olha! Nós vamos buscar. Até a velha foi junto buscar, e aí o que que aconteceu é que eles para atrair a onçada mataram um veado (*Mazama americana Erxleben, 1777*), uma anta e jogaram lá tudo preparado, e agora tá bom vamos ver a onçada, pra vingar o que fizeram com a minha mãe. Daí um deles ficou na ponta do pau e outro aqui embaixo segurando, quando subiram todas as onças eles balançaram o pau e acabaram com as onças, no rio de piranhas.

Depois de afogarem a onçada no rio de piranhas, os dois foram à procura do velho Maíra. Se entreolharam e disseram: — Vamos procurar o Velho. Saíram procurando até que encontraram, pois em todo o canto que chegavam eles perguntavam: — A donde é que tá Maíra? O velho, nesse tempo todinho, ele ‘tava num canto, aí ele dizia pra eles: — Vocês querem ver visagem do cabelão? E as crianças animadas, respondiam: — Vamos lá...



Chegaram lá ‘tava o **Matinzão**, com um cabelão, eles diziam: Tamuí (vovô) nós vamos taca (tocar, colocar) fogo ali. E, Tamui dizia: — Não, cuidado pra não pega fogo no meu cabelo. As crianças responderam: — Não, nós vamos cuidar. Chegaram lá e botaram fogo na ponta do cabelo do Matinha e avisaram: — ‘Tá pegando fogo no teu cabelo. Ai foram e secaram tudo que é igarapé, e a cabeça do Matinha espocou, ele morreu! Daí foram chegando, chegaram num Matinho que ‘tava raspando o arco, fazendo flecha e Maíra disse assim: — Pra que essa flecha? Matinha respondeu: Ah rapaz! Essa flecha aqui é pra flecha o Maíra que vem ai transformando a gente em bicho, fazendo a gente de cobra, outros de bacurau, enfim transformando a gente, dizem que ele é poderoso, ele tem essa mania de fazer a gente se vira nas coisas, mas quando ele chegar aqui eu vou matar ele. As crianças curiosas: — Ah rapaz! Mas quando você vê ele você não vai conhecer, mostra aí esse seu arco. Aí ele foi mostrar assim o arco, ele assoprou o arco.

É por isso que hoje existe aquela cobra a caninana (*Spilotes pullatus*, Lineu 1758), quando ela corre chega faz zumm, e o arco virou caninana, e o cara virou um bacurau (*Nyctidromus albicollis*), ai foram pra casa do velho o velho disse: — Vocês querem ver o Martim pescando? Andaram, chegaram lá o cara ‘tava pescando, e aí ‘tá pescando vovô? — Tô, pegando aqui um peixinho, Daí o Maíra transformou tudo, foi cortando os anzol, cortando, cortando, aí o Mucura disse: — Ah! Eu vou virar também. Virou um surubim.

Isso é Maíra e Micuraire fazendo todas essa presepadas, é por isso que hoje tem *Tenetebara* nó cego, o *Tenetebara* é surgimento de Maíra, Maíra velho, ele era só mas que de uma árvore surgiu uma mulher e, aí começou a geração dos *Tenetebara*. E pra finalizar a história o Maíra velho ficou, e Maíra disse pra cabeceira do rio **Gurupi**, segundo a história diz, foi pra cabeceira do rio Gurupi e o outro pra cabeceira, não sei se é o rio **Guamá** ou é o **Piriá**, sei que é um dos dois desses rios, sumiu pra lá, diz que na cabeceira desse rio lá é uma cidade. E nós aparecemos por força de Maíra e seus gêmeos.

Os *Tenetebara* lutam, mas brincam, são “nó cego” não param de ser traquinas, mas na luta não desistem, por isso estamos aqui, viemos andando andando, chegamos antes de todos, aqui é nosso lugar, nossa terra, nossa mata, nossos rios, ‘tá pouco, mas é nosso.

MATINZÃO

Segundo a tradição amazônica, a *Matinta Perera* é um ser sobrenatural que pode se manifestar em forma de pássaro noturno ou mulher idosa com longos cabelos.

Para saber mais:
SILVA JÚNIOR, Fernando Alves. 2014. **O mito da Matinta Perera de Taperaçu Campo e o conceito de dádiva: aproximando-se de um conceito antropológico.** *Amazônica* 6(2): 484-502.

GURUPI

Rio na divisa entre os estados do Maranhão e Pará.

GUAMÁ E PIRIÁ

Rios localizados no estado do Pará.

[Cacique Miguel encerra a narração muito pensativo e sério.]